

os pioneiros os benchimol



Nina e Isaac Benchimol, uma saga no Amazonas.

Para contarmos a origem e a saga da família Benchimol em suas andanças e “navegações” amazônicas, passamos a palavra, inicialmente, ao historiador e escritor Samuel Benchimol, que, no seu bellissimo livro **Amazônia um pouco-antes e além-depois**, reserva um trecho aos judeus que participaram da colonização amazônica. Conta Samuel:

“As primeiras famílias de origem e fé judaicas se estabeleceram na Amazônia a partir de 1820, conforme atestam as sepulturas nos cemitérios de Belém, Cametá e Santarém, muito antes do *boom* da borracha haver adquirido *momentum*. Provinham, em sua maioria, do Norte da África, especialmente de Tânger, Fez, Tetuan, Rabat, Casablanca, do Marrocos Francês e Espanhol e Argélia, que lá se estabeleceram após serem expulsos pela inquisição espanhola (1492) e portuguesa. Eram todos judeus sefarditas (Sefarad em hebraico significa Espanha), que se haviam estabelecido nessa parte do continente cultural afro-ibérico após a diáspora. A vinda desta corrente de imigrantes, séculos mais tarde, para a Amazônia, é fato a ser estudado. A característica principal desse movimento residiu no fato de que, ao contrário da maioria dos outros imigrantes, ela foi uma imigração familiar, fazendo-se acompanhar da mulher e dos filhos.

Esses imigrantes se localizaram, inicialmente, nas pequenas cidades do interior do Pará e Amazonas, além de Belém e Manaus, trabalhando como empregados em escritórios e estabelecimentos comerciais de aviamento e como regatões. Mais tarde, já no período áureo do ciclo da borracha, se iniciou a sua fase de promoção econômica, como arrendatários e proprietários de seringais, no interior, ou como comerciantes, nas praças de Manaus e Be-



O grande tanque avança pelo igarapé.



O progresso chega através do rio.

lém. Com o colapso da borracha muitos foram para o Rio. Os que ficaram, através de seus descendentes brasileiros da primeira e segunda geração, tiveram sua ascensão econômica e social urbana no vazio deixado quando a classe empresarial dominante, constituída pelas grandes firmas estrangeiras, desapareceu ou deixou de operar no mercado. A contribuição cultural dessa corrente imigratória e de seus descendentes brasileiros-amazônidas não se esgota na provisão de quadros empresariais. Ela se projeta também no campo das profissões liberais, magistério secundário e universitário e no próprio campo político?

Essa é, bem resumidamente, uma explicação histórica abrangente da vinda dos Benchimol para a região amazônica. Vamos agora aos fatos.

O avô Benchimol, patriarca da família no Brasil, vem de Tânger, via Lisboa, lá pelos idos de 1820. Tânger é um centro cultural importante na África do Norte, mas não oferece muitas condições econômicas de sobrevivência e eventual prosperidade. Portugal fica a um passo e, saindo de Lisboa, a conexão americana mais fácil é o Brasil e, a mais próxima, Belém. Talvez seja esta uma explicação simples para a vinda ao Brasil, numa só época, de tantas famílias hebraicas oriundas da mesma região.

Chegando à Amazônia, o patriarca Benchimol vai se estabelecer no interior. Em 1888, em Aveiro, perto de Itaituba, às margens do Tapajós, nasce o filho Isaac Israel Benchimol. Como se pode imaginar, a região, na época, não oferece condições mínimas de estudo para as crianças que ali vivem. Educação, porém, é bem primordial na formação do futuro. Mesmo perdidos nos meandros hidrográficos daquele fim de mundo, os Benchimol sabem que existem valores que devem ser preservados. Sendo assim,

os benchimol

a avó leva o filho, ainda menino, para estudar em Tânger, no Colégio Alliance Israelite, criado e mantido pelos Rotschild. É o melhor colégio da África do Norte e justifica o sacrifício da longa viagem.

Com 17 anos, Isaac volta ao Brasil formado em contabilidade, falando diversos idiomas e com uma sólida cultura geral. Casa-se alguns anos depois, mas a primeira esposa morre em 1918, vítima da Gripe Espanhola. Seu segundo casamento é demonstração clara de que sua formação não é caso isolado, mas comportamento cultural da sua gente.

Nascida às margens do Solimões, em Tefé, dona Nina, ou Lili, como é chamada, tinha cumprido o mesmo roteiro cultural de seu marido — Belém — Lisboa — Tânger — Alliance Israelite — Lisboa — Belém. Com alguns anos de diferença, é claro. Conhecem-se na Amazônia. Apesar de tantas afinidades são fisicamente muito diferentes. Ele muito alto. Ela bem baixinha. Casados, vão morar em Fortaleza do Abunã, cidade hoje situada em Rondônia. Ali, seu Isaac vai gerenciar um seringal. Dos oito filhos do casal, dois nascem naquele lugar. Os outros são manauaras ou belenenses.

Criados à margem dos rios, desde crianças eles aprendem a viver com a geografia líquida daquela imensidão. E também com a malária, com as carências derivadas das grandes distâncias, com os sofrimentos das gentes ribeirinhas. Em casa, aprendem a falar português, francês e espanhol. Na rua, que não é rua, é rio, aprendem a viver em amazonês. Netos do deserto, não naufragam naquelas águas. Pelo contrário — na correnteza do amor aprendem a nadar, estudar, descobrir o mundo e virar gente grande. Olhando-se no mapa, é coisa difícil de entender e mais difícil ainda de explicar.

A partir da segunda década do século, a cri-



A viagem continua pela mata.



Na falta de guindastes, o assentamento com tratores.

se da borracha atinge a todos e a tudo na Amazônia. São anos de esvaziamento econômico, queda sem fundo, caminho sem retorno. Os estrangeiros voltam para suas terras. Os aventureiros partem à procura de novos eldorados. Fica a mata. Ficam os rios. E as gentes atônitas da terra, em busca de um outro destino.

Para Isaac Benchimol, depois de muitos anos difíceis, de quase penúria, na tentativa de salvar o seringal em Abuña, a solução de vida é voltar a Belém, depois Manaus, e se estabelecer como guarda-livros, cuidando da contabilidade de algumas empresas de amigos. Apesar das dificuldades, não faltou dinheiro para o principal — a educação dos filhos e das filhas, prioridade no orçamento doméstico. Um a um, vão todos se formando. Ginásio, colegial e universidade. Alguns estudam nas faculdades de Manaus. Outros vão estudar fora — na Bahia, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais. Farmacêutico, advogados, médicos, economista, professora, engenheiro. Algumas bolsas de estudos possibilitam mestrados e pós-graduações nos Estados Unidos. Tudo isso com a supervisão de dona Lili e as bênçãos do pai Isaac, do alto do seu inseparável *pince-nez*.

Quando o filho mais velho se forma, o pai abre com ele uma farmácia. Pouco depois, em 1942, a família abre uma loja — a Benchimol Irmãos Cia. Ltda. Vendem de tudo: eletrodomésticos, cimento, farinha. Com a democratização do consumo dos bens duráveis, cresce a demanda e o consumo de novos produtos industriais: fogões, geladeiras. A venda à prestação abre o leque dos consumidores. Entre o final da Guerra e o princípio dos anos 50, forma-se em todo o Brasil, uma rede de comerciantes que, com suas lojas, possibilita às indústrias a conquista do mercado interno. Um dos produtos que emerge nessa onda é o fogão a gás —

símbolo de *status* e modernidade.

Lá por 1955 inicia-se a construção, em Manaus, de uma refinaria de petróleo. Dois anos antes de sua conclusão, os irmãos Benchimol percebem que está na hora de incentivar o comércio de fogões a gás liquefeito de petróleo. O mercado será de quem pular na frente. Os primeiros fogões e botijões chegam ao Amazonas em 1955. Vêm de São Paulo, de navio, em 30 dias de viagem. É um esforço necessário para acostumar a população ao uso do produto.

Quando a refinaria começou a operar, em 1957, o mercado está quase pronto para absorver a sua produção. Os Benchimol obtêm do CNP um título de distribuidores e, em 1956, constituem a Fogás. Simultaneamente, outro grupo amazonense também entra na disputa pelo mercado. As duas empresas se abastecem no mesmo posto de engarrafamento, que fica dentro da refinaria. Os botijões são poucos e a luta é brava. Os caminhões da Fogás — para que ninguém os confunda — trazem um sino em cima da carroceria. É um barulho danado para avisar às donas de casa que o gás está chegando.

A refinaria produz inicialmente 30 toneladas diárias de glp — o suficiente para abastecer Manaus e ainda suprir de combustível as praças de Belém e Fortaleza. Enquanto a briga na área do gás continua grande, a loja prospera muito. Em 1964, já com 70% do mercado de glp de Manaus, a Fogás compra a Gasônia — sua concorrente. O passo seguinte é adquirir a estação de enchimento, negócio que não mais interessa à refinaria. Em 1967, os Benchimol começam a construir seu primeiro plantel. São encomendados três tanques — os primeiros fabricados no Brasil. Projeto, acabamento, transporte... é tudo muito difícil. É uma ope-

ração pioneira em todos os sentidos.

Um ano depois, em 1968, vem a criação da Zona Franca e com ela todas as facilidades para uma grande expansão. Os novos equipamentos necessários para a ampliação do plantel são importados dos Estados Unidos: tanques, bombas, sistemas de resfriamento. Por causa disso, a Fogás é talvez a única empresa brasileira do setor que começa a operar com tecnologia americana (adaptada às condições peculiares da região), em contraste com a grande presença de tecnologia italiana em muitas das outras empresas pioneiras do país.

Mas, o que distingue realmente a Fogás é a área geográfica em que atua. Cobrindo toda a Amazônia Ocidental (Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima) ela trabalha num continente situado dentro de outro continente: é terra e água a se perder de vista, desafios de impossível superação para alguém que não tenha nascido na região. Saul Benchimol — o “tocador” da empresa — explica:

— Para ser comerciante na Amazônia é preciso ser geógrafo com especialidade em hidrografia. É preciso saber tudo sobre cada rio. E isso só se aprende com tempo, observação, convívio e amor. É preciso gostar da Amazônia para ser aceito por ela. Em certos momentos, é preciso ser mais amazonense do que brasileiro, porque a pátria tem aqui seus contornos mais peculiares. Na Amazônia, quando se pergunta a alguém onde é que nasceu, a resposta não vem em país, estado ou cidade. A resposta vem em rio:

— Eu nasci no Tapajós. Eu nasci no Tocantins. Eu nasci no Mamoré...

Para distribuir gás em toda esta região, a Fogás conta com uma frota *sui generis*. Além dos caminhões que atendem os centros urbanos, ela opera três navios-tanque para transporte do



O primeiro dos navios-tanque.



O início de uma viagem de 4 mil quilômetros.

glp a granel e oito composições de balsas e rebocadores para transporte dos botijões. É uma frota fluvial capaz de atingir cidades como Feijó, Tarauacá e Cruzeiro do Sul, no Acre, bacia do Juruá, que se situam a até 2.348 milhas náuticas de Manaus — precisamente 4.226 quilômetros de distância da sede da empresa.

Além da frota, a Fogás conta muito carinhosamente com a melhor equipe de práticos da Amazônia. Gente que conhece os rios na palma das mãos. Que sabe quando entrar e quando sair de uma região. Que recorda e prevê com precisão cheias e vazantes, possibilidades e impossibilidades de chegar a cada aldeia ribeirinha, a cada centro consumidor. É gente fluvial, herdeira dos conhecimentos dos mestres portugueses que há 400 anos deixaram aqui seu extraordinário cabedal de coisas navais.

Muitas vezes, na época da vazante, uma carga de botijões muda de embarcação diversas vezes, à medida em que diminui o calado navegável dos rios de seu roteiro. Da balsa grande para a balsa média e desta para outra menor, terminando muitas vezes a viagem na canoa do consumidor que vai retirar seu botijão num longínquo depósito. Apesar de toda a experiência e boa vontade, há momentos em que o transporte se torna impossível. São rios quase secos ou estradas lamacentas separando os terminais do ponto de entrega. Nesses casos, vale a improvisação. Certa vez, a cidade de Guajará Mirim, em Rondônia, ficou isolada — não havia como se transportar o glp para lá. O Conselho Nacional do Petróleo chegou a pedir à Fogás que fizesse o transporte dos botijões por via aérea — coisa com a qual a Aeronáutica não concordou. Foi então que os Benchimol resolveram recorrer à Bolívia. Um empréstimo de 10 mil botijões resolveu a situação. Aqui, tam-

bém para a improvisação, é preciso conhecimento.

Hoje a Fogás atende a um universo de 600 mil residências, operando com uma base em Manaus e outra em Porto Velho. Sua participação no mercado nacional, em 1986, foi de apenas 1,60% do glp consumido no país. Mas avaliar a Fogás e o trabalho dos Benchimol em termos de tonelagem ou faturamento, não é apenas uma injustiça — é a mais gritante das heresias. Afinal, a Amazônia, no seu todo, é um universo que representa a vigésima parte da superfície terrestre, quatro décimos da América do Sul e três quintos do Brasil.

Para terminar esta história bonita, nada melhor do que uma pequena frase, extraída do depoimento de um cearense de Crateús que se afundou na Amazônia à procura da sobrevivência:

— Nós somos mesmo uma gente teimosa. Nós não viemos de bonito.